



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**CAMPESINATO E AGROHIDRONEGÓCIO CANAVIEIRO NO PONTAL DO
PARANAPANEMA: OS DESAFIOS PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA**

Diógenes Rabello

diogenesrabello@yahoo.com

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O Pontal do Paranapanema é um território marcado por conflitos agrários e fundiários, originados pela ocupação ilegal das terras por parte dos grileiros, pela dizimação/expropriação dos indígenas, e pelo desmatamento e devastação ambiental. Este conflito está representado nos dias de hoje pela aliança entre os latifundiários e empresas de capital agroindustrial canavieiro de um lado, e pelos camponeses de outro. Essa aliança vem fomentando a expansão do agrohidronegócio canavieiro que ocorre com força a partir de 2005, por conta, sobretudo, da mudança da matriz energética do país e dos incentivos do Estado com o forte impulso na produção de veículos *flex-fuel*. Os assentamentos rurais no Pontal do Paranapanema, viabilizados pelo estado sob pressão dos Movimentos Sociais, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), se espacializam em 16 municípios com um total de 112 assentamentos, ocupando uma área de 139.682 hectares, assentando 5.892 famílias. Estas famílias de camponeses têm visto suas possibilidades de reprodução social suprimidas cada vez mais pelo avanço do agrohidronegócio canavieiro na região, que sufoca os espaços de vida e trabalho destes. Frente a isso, a agroecologia surge como uma alternativa para esses trabalhadores assegurarem suas possibilidades de reprodução. A agroecologia surge, também, como uma proposta de enfrentamento ao modelo agroindustrial, agregando elementos de ordem ambiental, como por exemplo, a erradicação do uso de agrotóxicos e considerando a própria dinâmica da natureza para promover a agricultura, e de ordem social, contribuindo com a Soberania Alimentar e com a produção de alimentos saudáveis e em diversidade para a população. No Pontal do Paranapanema, os camponeses têm encontrado no avanço do capital agroindustrial canavieiro o maior gargalo para uma transição agroecológica efetiva.

ABSTRACT

The Pontal do Paranapanema is a territory marked by agrarian and land conflicts, originated by illegal occupation of land by grileiros, decimation/expropriation of indigenous people, and deforestation and environmental devastation. This conflict is represented today by the alliance between the landowners and sugarcane agribusiness capital companies on the one hand, and the peasants on the other. This alliance has been fostering the expansion of the sugarcane agro-business that has been taking place since 2005, mainly due to the change in the country's energy matrix and the state incentives with the strong impulse in the production of flex-fuel vehicles. Rural settlements in the Pontal do Paranapanema, made possible by the state under pressure from the Social Movements, in particular the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), are spatialized in 16 municipalities with a total of 112 settlements, occupying an area of 139,682 hectares, 5,892 families. These families of peasants have seen their possibilities of social reproduction suppressed more and more by the advance of the sugarcane agro-business in the region, which suffocates their living and working spaces. Against this, agroecology emerges as an alternative for these workers to ensure their possibilities of reproduction. Agroecology also appears as a proposal to confront the agroindustrial model, adding environmental elements, such as the eradication of the use of pesticides and considering the dynamics of nature itself to promote agriculture, and of social order, contributing with Food Sovereignty and the production of healthy food and diversity for the population. In Pontal do Paranapanema, peasants have found the greatest



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

bottleneck for an effective agroecological transition in the advance of the sugar cane agroindustrial capital.

Palavras-Chave:

Agroecologia. Agrohidronegocio. Cana-de-açúcar.

Keywords:

(Agroecology. *Agrohidronegocio*. Sugar cane)

I. Introdução

Este texto apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado¹ em conclusão e tem como objetivo central entender como as formas de vida e de trabalho dos camponeses oriundos da luta pela terra, no Pontal do Paranapanema, estão sendo impactadas pelo avanço do capital agroindustrial canavieiro. Isto é, a difícil ou mesmo impossível convivência entre o monocultivo de cana-de-açúcar e as práticas e experiências agroecológicas em curso. O recorte espacial inicial para a nossa análise são os Assentamentos Dom Tomás Balduino e Bom Pastor, ambos localizados no município de Sandovalina, e os Assentamentos São Bento e Margarida Alves, localizados no município de Mirante do Paranapanema.

Durante a primeira fase da pesquisa conseguimos realizar a contento as atividades previstas e adiantar outras que estavam previstas para a segunda fase. Ou seja, conseguimos levantar dados primários através das entrevistas e trabalhos de campo, bem como já temos acervo bibliográfico com referências que estão nos ajudando na compreensão do objeto de estudo. É importante registrar que nossas participações em atividades acadêmicas estão nos permitindo avançar teoricamente.

O que temos apurando até o momento podemos dizer que as reflexões sobre agroecologia convergem para uma proposta política alternativa ao modelo agroindustrial, exportador, monocultor/latifundista vigente no campo, que é uma herança do pacote tecnológico da Revolução Verde, dos anos 1950/60. Dentre as inovações tecnológicas, que se consolidam a partir do final dos anos 1990, além das inovações mecânicas, o avanço da engenharia genética aplicada (por exemplo

¹ Título da pesquisa: “Camponeses assentados e as práticas agroecológicas no contexto do agrohidronegocio canavieiro no Pontal do Paranapanema (SP)”. Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP Proc. 2015/02962-0).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

na produção dos transgênicos), da informática, da gestão de recursos humanos, e da química fina à agricultura, foram decisivos, pois formataram o pacote tecnológico em vigência.

A internalização do padrão técnico moderno foi justificada e legitimada pelo discurso do necessário aumento dos índices de produtividade agrícola dos países subdesenvolvidos, por meio da substituição dos sistemas de produção local ou técnicas manuais e tradicionais, pelo pacote tecnológico. Desta forma, a Revolução Verde substituiu os modos tradicionais de produção pela agricultura modernizada, e referenciou a participação decisiva do Estado e do capital, representado pelas empresas e conglomerados produtores de insumos, máquinas/equipamentos, serviços, atacadistas/varejistas e o sistema financeiro.

Tomando como referência a atividade canavieira, constata-se a forma como tem se materializado no campo a adoção das novas tecnologias e toda a estratégia de planejamento integral da atividade agroindustrial, bem como a adoção de sistemas de controle e de subordinação do trabalho, alterando as relações sociais de produção e de trabalho no espaço agrário (THOMAZ JUNIOR, 2012).

Daí a aposta na agroecologia como princípio fundamental ou alternativa de produção, uma vez que esta tem como pressuposto uma concepção de desenvolvimento rural, pautada na diversidade de culturas, no aproveitamento dos recursos naturais, no manejo orgânico e na extinção do uso de agroquímicos, e na valorização dos saberes-fazeres tradicionais.

II. Marco teórico/marco conceitual

Nossa pesquisa está apoiada, sobretudo, nas proposições teóricas que nos ajudam a entender o conflito pela permanência na terra. Temos a preocupação de entender como se dão as relações entre avanço da cana-de-açúcar e a persistência na agroecologia por parte dos camponeses assentados.

Para entender a realidade posta a partir do avanço do capital agroindustrial canavieiro no Pontal do Paranapanema, buscamos apoio em Thomaz Junior (2009; 2017), que nos apresenta elementos cruciais para compreender a dinâmica territorial do capital agroindustrial canavieiro, sobretudo pela aposta no conceito de agrohidronegocio, o que contribui para o entendimento dos interesses articulados do capital pelo monopólio da terra e da água, trabalhando de forma articulada.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Barreto (2012) nos oferece subsídios importantes para compreender a territorialização da cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema, pois tem estudo muito detalhado sobre o processo de chegada e instalação dos canaviais e das unidades agroindustriais na região, além de contribuir com a análise da reestruturação produtiva no setor canavieiro e suas estratégias de monopólio das terras e para captação de mão de obra.

Para entender o campesinato, buscamos suporte em Oliveira (1991; 2001), Chayanov (1981) e Kautsky (1986). O primeiro nos ajudando a compreender as discussões políticas que o campesinato vem enfrentando na sua trajetória histórica e o compreender no interior no processo de reprodução do capitalismo. Chayanov, sendo um dos mais clássicos no estudo do campesinato, contribui para entender estes sujeitos a partir das suas formas específicas de organização familiar e suas estratégias de reprodução social. Enquanto que Kautsky vai trabalhar a relação entre campesinato e capitalismo, já que esta está imbuída de outra lógica de reprodução, que não a capitalista, e, portanto, não satisfaria a dinâmica industrial e econômica imposta em um sistema de produção capitalista de estágio avançado.

Para compreender a agroecologia estamos nos apropriando dos estudos de Altieri (2012) e Sevilla Guzmán (2001), dos quais compartilhamos o entendimento de uma agroecologia para além das técnicas de agricultura e transpassada para as leituras políticas e sociais, e como a luta pela agroecologia implica em uma busca pela mudança da estrutura da agricultura, da academia e da sociedade. Gleissman (2002) ajuda nesse entendimento, pois entende que a agroecologia nos fornece conhecimentos e metodologias para uma agricultura adequada para o meio ambiente, altamente produtiva e viável economicamente.

III. Metodología

A metodologia adotada para desenvolver esta pesquisa consiste em metodologia qualitativa. As estratégias e procedimentos aplicados foram trabalhos de campo e entrevistas semiestruturadas. Os trabalhos de campo compuseram a parte empírica da pesquisa, nos possibilitando ter contato com os sujeitos de pesquisa, conhecendo com maior profundidade a realidade de vida e de trabalho das famílias camponesas. O recorte territorial estabelecido para o desenvolvimento da pesquisa, e no



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

qual ocorreram os trabalhos de campo, foram quatro assentamentos de reforma agrária no Pontal do Paranapanema, região localizada no extremo Oeste do estado de São Paulo, Brasil, sendo dois no município de Sandovalina (Assentamento Dom Tomás Balduino e Assentamento Bom Pastor) e outros dois no município de Mirante do Paranapanema (Assentamento São Bento e Assentamento Margarida Alves). Durante os trabalhos de campo estivemos realizando observações de campo, registros fotográficos e diários de campo, que nos deram auxílio para depois fazer as análises e redação do texto.

Optamos por adotar o estilo de entrevistas semiestruturadas pois, para este trabalho, ele nos ofereceu melhor resultado no processo de entrevista, já que possibilitou que pudéssemos dialogar de forma mais livre e autônoma com os sujeitos. As entrevistas foram realizadas com famílias dos quatro assentamentos selecionados para a pesquisa.

Houve, também, a busca por dados estatísticos do avanço da cana-de-açúcar, os quais foram importantes para dar subsídio as nossas afirmações e nossas análises. Os dados foram coletados no banco de dados digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Por fim, as informações coletadas em trabalho de campo, entrevistas e banco de dados nos possibilitaram dialogar com um conjunto de material bibliográfico buscado em bibliotecas digitais e impressas, composto por livros, artigos, dissertações e teses.

IV. Análise e Discussão dos Dados

O agrohídronegócio enquanto modelo de desenvolvimento do capital no campo é conduzido por empresas monopolistas, nacionais e transnacionais, sob referencial de alto grau de degradação ambiental dos recursos naturais e de intensa precarização do trabalho (THOMAZ JUNIOR, 2009). A presença e desenvolvimento deste modelo no campo tem nos apresentado diversos elementos que nos leva a repensar as diversas outras realidades que conflitam constantemente com o avanço do agrohídronegócio, como por exemplo, o campesinato. Vale destacar que estes novos elementos nos exigem revisar conceitos como trabalho, resistência, saúde-doença, sustentabilidade etc. É nesta perspectiva que temos buscado desenvolver nosso projeto de pesquisa, encarando o avanço do agrohídronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema, junto com as transformações que ele tem



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

causado na realidade agrária, social, ambiental da região, e suas implicações para as diversas formas de reprodução que os camponeses têm adotado e para a organização do trabalho familiar.

Essa forma de reprodução do capital no campo fundamenta-se para atender apenas os objetivos das empresas, as demandas econômicas do mercado, interno e externo, de açúcar e álcool, fundamentalmente, e não as demandas quanto à produção de alimentos, a segurança alimentar etc. A priorização da manutenção do abastecimento externo, por meio da *commoditização*, via a comercialização do açúcar é uma tendência do mercado, e, por isso, a necessidade de buscar índices de produtividade e eficiência que garantam vantagens comparativas dentro do mercado, impõem que os mecanismos de controle sobre o meio ambiente e os trabalhadores sejam fundantes, sendo, pois, esta é a marca do destrutivismo e da degradação sistêmica do capital (THOMAZ JUNIOR, 2017).

A adoção de uma política agrária que privilegie o desenvolvimento do capitalismo no campo tem abandonado as pautas em torno da Reforma Agrária e das lutas sociais do campo, que defendem a agricultura camponesa. Isso está orientado pela distribuição dos recursos públicos destinados para o incentivo do agronegócio e do campesinato, já que os conglomerados agroquímico-alimentar-financeiros conseguem desenvolver suas atividades contando com elevadas quantidades de recursos financeiros, anos de carência, e possibilidades de isenção de impostos, enquanto aos camponeses resta parcela mínima de recursos (Gráfico 1).

Os recursos destinados ao agronegócio tiveram um acréscimo de R\$84 bilhões nos últimos oito anos-safra (2010/2011 – 2017/2018) anos, enquanto que para a agricultura camponesa foram apenas R\$14 bilhões, no mesmo período. Quando analisamos o montante de recursos, verificamos que para o ano-safra de 2017/2018 a agricultura camponesa recebeu apenas 13% do total dos recursos destinados pelo Estado para o agronegócio. Isso nos mostra que o agronegócio se desenvolve cada vez mais contando com a permissividade e incentivos do Estado, via recursos públicos. Se não bastasse isso, para este último ano-safra, o governo decidiu por liberar os recursos para a agricultura camponesas pelo quadriênio (2017/2020), conforme consta os matérias de divulgação do Plano Safra da Agricultura Familiar, enquanto que a destinação de recursos para o agronegócio continua inalterada para o formato ano-safra (junho de 2017/junho 2018). Isso nos faz pensar que não se trata



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

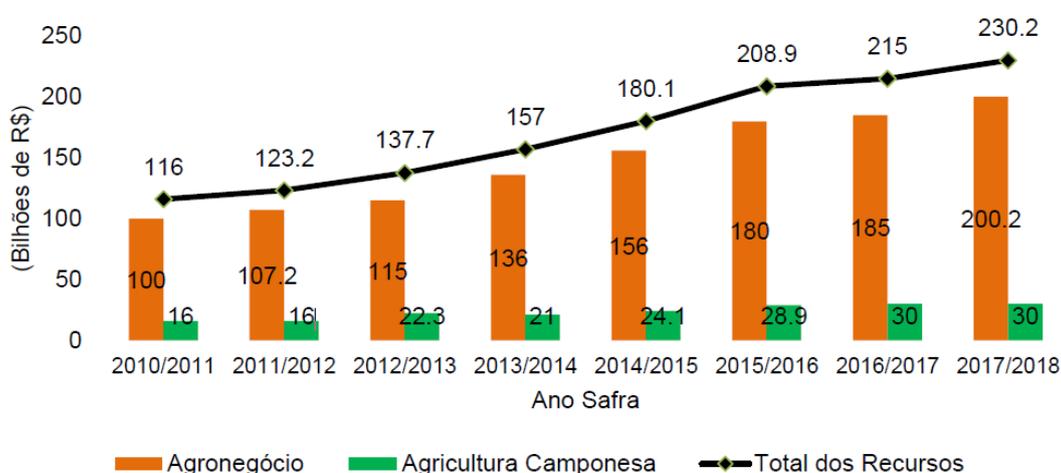
3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de uma tentativa conservadora no sentido de criar estratégias de congelamento para os recursos da agricultura camponesa.

Gráfico 1: Evolução dos recursos direcionados para o financiamento da agricultura no Brasil (2010-2018)



Fonte dos Dados: MDA (2010 - 2016); MAPA (2010 - 2017); SEAD (2017).
Organização: Rabello, 2017.

Segundo Barreto (2012), a expansão do agrohidronegócio canavieiro na região do Pontal aconteceu em dois momentos, o primeiro caracterizado pela formação das primeiras lavouras de cana-de-açúcar e implantação das unidades agroindustriais canavieiras no final da década de 1970, durante o segundo período do PROALCOOL. O segundo momento desta expansão ocorreu a partir de 2005, também com a ajuda de incentivos do Estado, com o forte impulso na produção de veículos *flex-fuel* (THOMAZ JUNIOR, 2009; BARRETO, 2012).

A partir de 2003 o Estado atua para ampliar a matriz energética e, em um segundo plano, resgatar os empresários do setor canavieiro da crise que os atingia desde a década de 1990. O governo impulsiona o setor automobilístico, para a produção de carros *flex-fuel*. Thomaz Júnior (2009) aponta que essa ação foi o principal estímulo para a retomada da produção de agrocombustíveis e recuperação do setor canavieiro. O autor nos alerta que a retomada da produção de álcool combustível cumpre a agenda do discurso de produção de energia limpa a partir da produção de cana-de-açúcar. O Pontal do Paranapanema é atingido por essa nova fase do agrohidronegócio



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

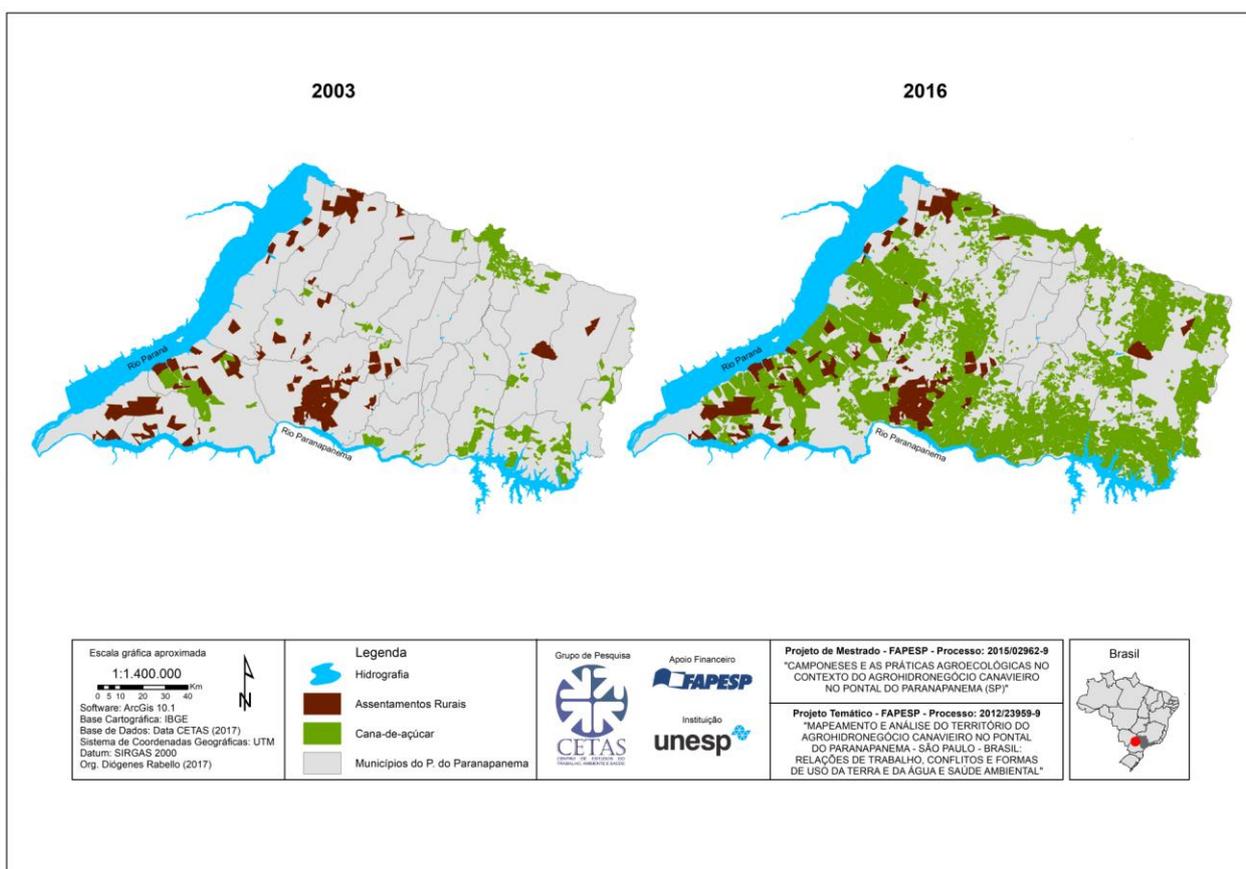
3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

canavieiro, agora com incentivo do Estado, a partir de 2005. Neste momento há a efetiva expansão das lavouras e implantação de novas unidades agroindustriais. A partir de então, municípios como Sandovalina, Martinópolis e Mirante do Paranapanema recebem as primeiras plantas agroindustriais. O Mapa 1 ilustra como houve o avanço desenfreado da área planta com lavouras de cana-de-açúcar nos municípios que compõem o Pontal do Paranapanema.

Mapa 1: Evolução da área cultivada com cana-de-açúcar no Pontal do Paranapanema (2003-2016).



É neste cenário que as famílias camponesas continuam lutando pela agroecologia. Portanto, temos uma situação de conflitos latentes, onde o avanço da cana-de-açúcar suprime cada vez mais as possibilidades de reprodução da agroecologia dentro dos assentamentos rurais.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

No Pontal do Paranapanema diversas iniciativas estão sendo apresentadas para avançar na transição agroecológica, como o Projeto Macaúba, que prevê a organização de Sistemas Agroflorestais (SAF's) com a macaúba sendo o carro-chefe do sistema, associada à produção de frutas, raízes e legumes. Há também iniciativas de olericultura orgânica, organizadas por associações e cooperativas e por individualmente por famílias. Ainda, temos a iniciativa do MST para a organização do Centro de Referência em Agroecologia do Pontal do Paranapanema (CRAPP), que surge com a pretensão de ser um espaço de formação política e técnica para promoção da agroecologia nos assentamentos rurais da região. Embora o CRAPP já possua sede (Assentamento São Bento – Mirante do Paranapanema), ainda não conseguiu iniciar as atividades, pois está em fase de formulação de projetos para buscar recursos financeiros que possibilitem aplicar as atividades formativas.

A agroecologia vem sendo pensada como uma forma de romper com os padrões produtivistas e "envenenados" de produção alimentos. Tem-se discutido a agroecologia cada vez mais como forma de viabilizar o desenvolvimento no campo, permitindo a reprodução do camponês, pensando o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico a qualidade social e ambiental, considerando suas práticas que, de um modo geral, condenam o uso de agroquímicos nos processos produtivos e se preocupa com a produção de alimentos saudáveis. Dessa forma, põe-se no centro do debate o trabalho de base familiar, levando em conta o resgate das formas tradicionais de vida no campo que as famílias camponesas carregam consigo, além de dar grande importância para a biodiversidade e preservação das sementes crioulas.

A agricultura é controlada por estruturas políticas e econômicas e estas têm traduzido o que se apresenta como desenvolvimento para o campo. Esse processo priva os camponeses de implementar práticas alternativas que desafiam esta estrutura (SEVILLA GUZMÁN, 2001). Assim, pensar a agroecologia apenas como um modelo que possibilite ruptura técnica, centrada no combate à agricultura prejudicial ao meio ambiente e que gera degradação ambiental, não nos permite entender este conceito de forma holística.

É neste sentido que Altieri (2010, p. 29) aponta que:

O desenvolvimento da agricultura sustentável requererá mudanças estruturais significativas, além de inovação tecnológica, redes e solidariedade de agricultor a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

agricultor. A mudança requerida não é possível sem movimentos sociais que criem vontade política entre os servidores públicos com poder de decisão, para desmontar e transformar as instituições e as regulações que atualmente freiam o desenvolvimento agrícola sustentável. É necessária uma transformação mais radical da agricultura. Uma transformação que esteja dirigida pela noção de que a mudança ecológica da agricultura não pode se promover sem mudanças comparáveis nas arenas sociais, políticas, culturais e econômicas que conformam e determinam a agricultura.

A reflexão do autor nos ajuda a entender a necessária vinculação entre a transição agroecológica e as organizações sociais camponesas. No Pontal do Paranapanema isso fica ainda mais evidente, já que temos acompanhado diversos espaços de discussão junto ao MST, e o que podemos afirmar é que o movimento vem apostando na agroecologia como uma proposta contra-hegemônica que se apresenta para frear o desmonte do sistema alimentar protagonizado pelos complexos agro-químico-alimentar-financeiros (THOMAZ JUNIOR, 2009).

Gleissman (2002), vai dizer que :

La agroecología provee el conocimiento y metodología necesarios para desarrollar una agricultura que sea, por un lado ambientalmente adecuado y por otro lado altamente productiva y económicamente viable. Esta establece condiciones para el desarrollo de nuevos paradigmas en agricultura, en parte porque prácticamente elimina la distinción entre la generación de conocimiento y su aplicación. También valoriza el conocimiento local empírico de los agricultores, el compartir este conocimiento y su aplicación al objetivo común de sostenibilidad.

A agroecologia propõe reflexões em torno das questões sociais que perpassam as discussões de organização enquanto comunidade, buscando melhores condições de reprodução, passa também pela discussão de gênero, pois na agroecologia a produção dos quintais, que em linhas gerais está sob os cuidados das mulheres, é considerada também parte do sistema produtivo, e não uma atividade avulsa com relação às outras áreas de produção do lote. Dessa forma, o esforço despendido pela mulher para cuidar destas atividades é considerado trabalho, e isso também está ligado ao preceito de trabalho de base familiar considerado pela agroecologia.

Conforme Molina (2013),

[...] el enfoque agroecológico adolece del necesario desarrollo de aquellos aspectos que superan el ámbito de la finca o de la comunidad estudiada y que tanta repercusión tienen sobre sus sustentabilidad. Este aspecto y otros de semejante



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

envergadura nos hablan de la falta de integración en el enfoque agroecológico de los aspectos políticos e institucionales que regulan las relaciones en la agricultura. Carecemos de criterios que fomenten y orienten la participación en las instituciones gubernamentales (en el establecimiento de regulaciones y normas que favorezcan el desarrollo y la ampliación de las tierras y territorios en los que se realiza agricultura sustentable (MOLINA, 2013, p. 47).

É importante sintonizar o entendimento da agroecologia como a relação do sujeito com o território. As especificidades de cada território e dos diversos sujeitos lhes permitem incorporar novos elementos próprios de cada lugar. Remetendo-nos à discussão da agroecologia verticalizada para o território vemos, primeiramente, que a geografia de cada região (aspectos físicos, naturais e sociais) possibilita novas formas de produção, cada uma delas associadas às riquezas naturais de cada território. Outro viés dessa análise é a necessidade do território, ou seja, não existe agroecologia se o camponês não estiver territorializado no campo, desta forma (re)afirmamos a necessidade e urgência da reforma agrária.

A agroecologia é uma forma de entender e atuar para campesinar a agricultura, a pecuária, o florestamento e o agroextrativismo, a partir de uma consciência intergeracional (não exploração de crianças e velhos), de classe (não exploração do capital ao trabalho), de espécie (não exploração dos recursos naturais), de gênero (não exploração do homem à mulher), de identidade (não exploração entre etnicidades). (GUTERRES, 2006, p. 90).

A citação acima sintetiza bem o que temos buscado pensar sobre agroecologia e refletir os pressupostos políticos que nos apóia na defesa da agroecologia enquanto uma possibilidade de vida no campo. Temos pensado a agroecologia não apenas ancorada no discurso das vantagens para o meio ambiente e vida saudável, mas enquanto saber pautado nas práticas que podem ser potencializadas como forma de resistência dos camponeses ao modelo de desenvolvimento da agricultura fundada no agrohidronegócio. Se quisermos apostar na agroecologia como uma proposta de superação do leque de malefícios causados por este modelo agricultura praticado desde a Revolução Verde, precisamos insistir em defender que este conceito não é sinônimo de agricultura orgânica, o que tem sido feito com muita recorrência de forma equivocada.

O conceito de agricultura orgânica foi logo cooptado e transfigurado pelo capital a partir do discurso de sustentabilidade. A idéia de uma agricultura baseada na harmonização entre práticas de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

cultivo da terra e equilíbrio ambiental foi coberta pelo selo de agricultura ecologicamente correta. Isso fez com que houvesse uma inversão do papel desta agricultura, e servisse como mais uma forma de mercantilizar a agricultura, agora com o carimbo “sustentável”.

É nesse sentido, portanto, que a defesa da agroecologia está voltada para superação da idéia de mercantilização da alimentação. A agroecologia está pensada para além de mudança no padrão técnico de produção de alimentos, ela se desdobra em princípios que estão fundamentados no manejo da terra, sendo encontrada no processo de produção do alimento, que vai desde a forma de posse da terra até a destinação/consumo deste alimento, sendo, portanto, a técnica de produção um dos componentes deste processo (sem contar o conteúdo político dessa decisão/posição).

Outro elemento que deve ser apontado no entendimento da agroecologia como proposta plena de desenvolvimento desde perspectivas políticas é o fato de ela ser bandeira dos movimentos sociais. Ou seja, embora a transição agroecológica aconteça pela soma de forças dos sujeitos, instituições/organizações, academia e outros, são os movimentos sociais do campo os maiores incentivadores e promotores da transição agroecológica. Estes movimentos têm buscado trabalhar o princípio da agroecologia desde suas formações de base e associado à outras discussões inerentes ao contexto agrário, como juventude, gênero e educação, por exemplo. Estes elementos são abarcados pelo conceito de Reforma Agrária Popular, proposta originariamente cunhada pelo MST.

Ela é, portanto, a busca pela autonomia dos camponeses em relação aos seus modos de vida, por isso apresenta abarca a idéia de territorialização camponesa a partir da terra, da educação, da saúde, da igualdade nas relações de gênero e na reprodução social dos jovens. Nesta perspectiva, a agroecologia é vem sendo pensada pelo MST como a proposta social de praticar agricultura no campo, já que ela está perpassando por todos estes elementos.

Em Sandovalina, no Assentamento Dom Tomás Balduino dois exemplos interessantes deste processo são as famílias Araújo e Ribeiro. A família Araújo teve seu primeiro contato com a agroecologia a partir de um curso superior em agroecologia que fizeram (três jovens da família), através do Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária (PRONERA). Durante o curso, que desenvolvia a metodologia da Pedagogia da Alternância, eles foram inserindo os primeiros passos para a transição agroecológica em sua propriedade, com a conversão da produção de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

hortaliças de convencional para orgânica. Outro facilitador para este processo de transição agroecológica foi a participação no projeto Café com Floresta, onde ele conseguiram forma o primeiro SAF. A partir da participação no projeto e por meio dos conhecimentos que adquiriram no curso de agroecologia eles foram adaptando suas estratégias e formas de organização da produção agroecológica, hoje já conseguiram formas três SAFs, nos quais desenvolvem uma vasta diversidade de produção de alimentos. A comercialização dos alimentos produzidos por eles é feita através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), em feiras e para consumidores da cidade.

Já a família Ribeiro, que possuía uma aproximação com a agroecologia mais recente, teve seu primeiro contato através da sua participação nas oficinas do projeto Práticas Agroecológicas no Pontal do Paranapanema. Através dos encontros e contato com as discussões sobre o tema, eles se interessaram pela aposta na agroecologia e se motivaram a produzir alimentos de forma agroecológica. Antes deste contato com a agroecologia, a família não se dedicava na produção de hortaliças, sendo que o lote era ocupado apenas para com a criação de gado leiteiro. Hoje eles possuem uma horta com grande diversidade de alimentos, os quais são comercializados na feira da cidade e vendidos por encomenda para as pessoas da cidade.

Já no assentamento Bom Pastor, o que nos chama a atenção são as experiências surgidas no âmbito do Sistema Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). O SENAR vem adentrando nos assentamentos rurais com diversas propostas de cursos para as famílias camponesas, em geral, eles se aproximam destas famílias através das associações e do ITESP. Entre os cursos que eles têm aplicado na região encontram-se: Olericultura Orgânica, Produção de Leite Orgânico, Empresário Rural e Administração Rural. Embora o SENAR possua uma proposta política bastante definida sobre sua opção ideológica do campesinato, que considera que o campesinato necessita se integrar ao circuito destrutivo do capital, e isso é explícito pelos títulos que os cursos oferecidos por eles recebem²⁴, não há dúvidas de que há um resultado para a transição agroecológica, pois as famílias estão se apropriando disso para conhecer outras técnicas de manuseio do solo e produção de alimentos.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A experiência da família Silva é resultado destes cursos, eles participaram de diversos deles, como produção de tomates e comercialização em feiras. Através destes cursos eles puderam mudar sua forma de organização do trabalho, adotando práticas de cultivo orgânicas e diversificando sua produção. Além destes cursos, eles participaram de outros dois pela Agência Paulista de Tecnologia para o Agronegócio (APTA): produção de cebola e de maracujá. Depois dos cursos a família já conseguiu expandir sua área destinada para agricultura, na qual tem experimentado outros cultivos. Além disso, ampliou suas possibilidades de comercialização, podem vender alimentos na feira orgânica de Sandovalina, além da feira de Teodoro Sampaio e no PNAE que já comercializavam.

Já em Mirante do Paranapanema, no Assentamento São Bento encontramos a experiência da família Gomes. Um dos membros da família participou de um curso de técnico em agropecuária, o qual possibilitou o primeiro contato com SAFs e cultivos orgânicos. Também participou do projeto Café com Floresta. Por seu envolvimento com esse tema e sua ligação com o MST foi convidado para participar da equipe executora do projeto Macaúba, o que permitiu que expandisse sua área destinada a agroecologia dentro do lote. Hoje, a família mantém uma grande área de produção de alimentos em agrofloresta e produz mudas de árvores frutíferas e nativas para comercializar com outras famílias camponesas. Além disso, mantém contato constante com as ações e atividades do MST e das outras instituições que promovem agroecologia no Pontal, participando dos espaços de debates e das trocas de experiências.

Ainda no assentamento São Bento encontramos a experiência da Sra. Elizangela. Ela participou de um curso de olericultura orgânica do SENAR. Através deste curso ela pode aprender deste como organizar uma estufa para produção de mudas de hortaliças até estratégias de comercialização em feiras. Hoje ela consegue produzir hortaliças durante todo o ano e complementa sua renda com a produção de processados para a feira, como pão, bolos e doces, enquanto o seu marido é assalariado em uma agroindústria canavieira da região.

Para nós, durante a entrevista que realizamos com a Sra. Elizangela o que ficou muito marcado foi a forma como o patriarcado ainda domina das relações de poder dentro do campo. Isso se expressou para nós durante o momento em que pedimos à Sra. Elizangela que desenhasse em um papel ofício a organização do espaço dentro do lote da família, e ela se recusou pois tinha que terminar de fazer



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

o doce que estava preparando para a feira, então pediu ao seu marido que o fizesse. No desenho, o marido não representou a estufa da mudas de hortaliças que a esposa a todo o momento se referiu durante a entrevista com muito orgulho, já que era resultado do curso que havia realizado e de onde tirava seu sustento, enquanto deu atenção especial para a representação do espaço onde realiza a criação do gado de corte. Esta relação ficou ainda mais evidente quando, depois de percorrei vários espaços do lote somente com o marido o ultimo espaço o qual quis me mostrar foi a estufa, e quando chegamos lá estava a Sra. Elizangela dentro da estufa nos esperando para mostrar como era realizado o trabalho ali.

Por fim, temos as experiências no Assentamento Margarida Alves. A família Santos²⁸ também teve membros formados pelos cursos de agroecologia do PRONERA, com isso, tiveram suas experiências em agroecologia iniciadas com os conhecimentos adquiridos nestes cursos. As experiências eram pequenas e se restringiam à hortaliças, mas com sua participação no projeto Macaúba conseguiu construir um SAF onde produz várias espécies de frutas, mandioca, milho, feijão e bata-doce. A experiência foi tão exitosa para a família, que já conseguiram construir outro SAF, e o trabalho com agroecologia é referência para os vizinhos.

Já a experiência da Sra. Lourdes começou por iniciativa própria dela, experimentando algumas práticas dentro de sua horta. Hoje toda a produção de alimentos dentro do seu lote é agroecológica. Hoje ela sente que as famílias estão mais interessadas pela agroecologia, sobretudo com a participação das famílias no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e no PNAE. A Sra. Lourdes comenta que as famílias vinculadas a associação que ela preside já adotam a agroecologia, pois percebem que esta é melhor forma de trabalhar a terra, mais barata e resulta em alimentos de melhor qualidade.

Estes exemplos demonstram a trajetória de aproximação que as famílias camponesas no Pontal do Paranapanema tiveram com a agroecologia. A dispersão dos saberes e das práticas se derem, sobretudo, com a atuação de instituições promotoras, cada qual com seus discursos e metodologia de atuação. Um dos empecilhos da transição agroecológica tem sido a troca de experiências e saberes. A partir do momento em que estas práticas estiverem conectadas e dialogarem entre si elas poderão crescer e se expandir para outros espaços aonde a agroecologia ainda não chegou.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

O Pontal do Paranapanema é uma porção do território que possui suas singularidades e, por conta da pujança de forma que a questão agrária nos apresenta diversas temáticas e objetos de pesquisa, além de um leque de possibilidades de atuação política na defesa dos camponeses e dos bens comuns. Entre estas temáticas podemos citar, sendo aqueles que temos mais contato e conhecimento, a estrutura fundiária e grilagem de terras, políticas públicas e produção de alimentos, reforma agrária, formação territorial dos assentamentos rurais, agrohidronegócio e monocultura da cana-de-açúcar e educação do campo, entre outros.

Temos refletido com base nas informações oriundas de pesquisa de campo e com o levantamento de informações primárias advindas das entrevistas realizados com os sujeitos camponeses, que o avanço desenfreado da monocultura canavieira tem desdobrando em significativos prejuízos para a transição agroecológica. Metaforizando, a prática de pulverização aérea, característica presente nesta porção do território, tem despejado agrotóxicos sobre a vida dos camponeses, exterminando suas alternativas de reprodução e colocando à deriva suas esperanças de ver florescer uma agricultura socialmente mais justa e ambientalmente mais equilibrada, ao passo que fertiliza uma agricultura que não alimenta.

Mesmo assim, faz necessário que nos apoiemos nas valiosas e perseverantes experiências de famílias que resistem nas práticas agroecológicas e as tomemos como fundamento para provar que há agroecologia no Pontal do Paranapanema, que vem sendo construídas nos encontros cotidianos da materialidade das desgraças inerentes à presença do agrohidronegócio, e que abre espaço para a criação de coletividade no processo de transição, quando os diversos sujeitos se unem para permanecer lutando pela mudança da estrutura fundiária e do modelo de agricultura.

Nesta perspectiva, vale lembrar o papel do MST na articulação destes espaços e como principal promotor da agroecologia no Pontal, somando-se às outras instituições que mesmo com os limites das suas possibilidades de atuação frente às burocracias e desmontes das instituições públicas (falta de servidores técnicos, falta de recursos financeiros, falta de infra-estrutura e equipamentos, etc.) se voltam para o desenvolvimento das práticas agroecológicas.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5ª Ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. 117 p.

ALTIERI, M. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista NERA**, Ano 13, nº. 16, Presidente Prudente, 2010, p. 22-32.

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BARRETO, M. J. **Territorialização das agroindústrias canavieiras no Pontal do Paranapanema e os desdobramentos para o trabalho**. 2012, 244 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente, 2012.

OLIVEIRA, A. U de. **A Agricultura Camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

OLIVEIRA, A. U de. **A agricultura camponesa no Brasil**. 4ª Edição. São Paulo, Contexto, 2001.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

CHAYANOV, A. V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA, J. G. da; STOLKCE, V. (orgs.). **A Questão Agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUTERRES, Ivani. **Agroecologia Militante: contribuições de Ênio Guterres**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GUZMAN, E. S; MOLINA, M. G. de. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. Tradução: Ênio Guterres e Horácio Martins de Carvalho. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

GLEISSMAN, E. R. **Agroecología: procesos ecológicos en agricultura sostenible**. Turrialba, C.R. : CATIE, 2002.

KAUTSKY, K. **A questão agrária**. São Paulo: Nova Cultural, 1986

MOLINA, M. G. La experiencia agroecológica y su incidencia en el desarrollo sostenible: la necesidad de una agroecología política. In: sauer, Sergio; BALESTRO, Moises Vallamil (orgs.) **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

THOMAZ JUNIOR, A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI** (Limites explicativos, autocrítica e desafios teóricos). 2009, 997p. Tese (Livre Docência). Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2009.

THOMAZ JUNIOR, A. Gestão e Ordenamento Territorial da Relação Capital-Trabalho na Agroindústria Canavieira, no Brasil. Uberlândia, **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**. V.7, n.13, 2012. p.65-96.

THOMAZ JUNIOR, A. **O trabalho me impõe desafios renovados e me ocupa à autocrítica de uma obra inacabada**. In: Tese (Concurso de Professor Titular). Faculdade de Ciências e Tecnologia/Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Presidente Prudente, 2017 (mimeo).